

Ciências Humanas: Afeto, Poder e Interações



Natalia Colombo
(Organizadora)

 **Atena**
Editora
Ano 2020

Ciências Humanas: Afeto, Poder e Interações



Natalia Colombo
(Organizadora)

 **Atena**
Editora
Ano 2020

Editora Chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Assistentes Editoriais

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

Bibliotecário

Maurício Amormino Júnior

Projeto Gráfico e Diagramação

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremonesi

Karine de Lima Wisniewski

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

Imagens da Capa

Shutterstock

Edição de Arte

Luiza Alves Batista

Revisão

Os Autores

2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena

Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena

Editora pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição Creative Commons. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

A Atena Editora não se responsabiliza por eventuais mudanças ocorridas nos endereços convencionais ou eletrônicos citados nesta obra.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves -Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Maria Tatiane Gonçalves Sá – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Érica de Melo Azevedo – Instituto Federal do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande

Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Priscila Tessmer Scaglioni – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Linguística, Letras e Artes

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Conselho Técnico Científico

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Me. Adalto Moreira Braz – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí
Prof. Me. Alexsandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Ma. Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia
Profª Ma. Anelisa Mota Gregoleti – Universidade Estadual de Maringá
Profª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco
Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas
Prof. Me. Clécio Danilo Dias da Silva – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília

Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa
Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
Prof. Dr. Fabiano Lemos Pereira – Prefeitura Municipal de Macaé
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Me. Givanildo de Oliveira Santos – Secretaria da Educação de Goiás
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza
Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Me. Javier Antonio Albornoz – University of Miami and Miami Dade College
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFPA
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis
Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
Profª Drª Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior

Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo

Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará

Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri

Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco

Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal

Prof. Me. Robson Lucas Soares da Silva – Universidade Federal da Paraíba

Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco

Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão

Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo

Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana

Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí

Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo

Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Ciências humanas: afeto, poder e interações

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Bibliotecário Maurício Amormino Júnior
Diagramação: Maria Alice Pinheiro
Correção: David Emanuel Freitas
Edição de Arte: Luiza Alves Batista
Revisão: Os Autores
Organizadora: Natalia Colombo

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

C569 Ciências humanas [recurso eletrônico] : afeto, poder e interações / Organizadora Natalia Colombo. – Ponta Grossa, PR: Atena, 2020.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5706-457-3

DOI 10.22533/at.ed.573200710

1. Ciências humanas – Pesquisa – Brasil. I.Colombo, Natalia.

CDD 300

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

O primeiro volume de “Afeto, Poder e Interações” transita entre as temáticas relacionadas aos direitos humanos, democracia, cidadania, racismo, migrações e territórios.

Dialéticas Marxistas dão base para análises da prática profissional do serviço social, violação dos direitos humanos como meio de compreensão do fenômeno da pobreza (e os desafios do exercício da cidadania por pessoas em situação de rua) e práticas educativas apoiadas nos direitos humanos para a convivência com a diversidade no ambiente escolar. Colaboram, também, com as análises voltadas a um projeto educacional aplicado como ferramenta para que crianças se assimilem aos lugares de resistência ancestral de forma positiva; e sobre a relação da juventude com a alienação política. Precedendo a observação sobre como a formação continuada docente colabora com a promoção de mudanças metodológicas no ensino e, por consequência, nas mudanças de aprendizado.

Na sequência, relações de poder de ideologia patriarcal e as lutas das mulheres abrem espaço para os debates feministas e os papéis de esteio feminino nas sociedades – desde debates revolucionários à temáticas de saúde pública e autocuidado.

Performance e psicologia analítica são abordados na construção do personagem fictício e aplicados em projetos de combate à violência contra a mulher.

Reflexões de caráter antropológico e a contextualização da origem da imprensa alternativa homossexual são apresentados para o entendimento sobre a percepção de sujeitos gays negros frente à sociedade.

Além da compreensão de uma perpetuação de um estereótipo embranquecido – pano de fundo para o marketing de empreendimento imobiliário na formação do imaginário social na cidade de São Paulo.

Os capítulos finais abordam o estigma social, preconceito e desvalorização humana de profissões relacionadas à coleta de lixo; além do recorte local de um processo migratório global causador do aumento da população vulnerável em todo o planeta.

Na esteira das relações migratórias de fronteira, apresentamos como as representações sociais de identidades culturais podem reforçar, de maneira positiva, identificações entre nações.

Trata-se ainda, sobre o multiculturalismo e peculiaridades do campo; sob análises do processo histórico no qual o conceito de propriedade se cunhou; territórios e resistências na construção de comunidades e sobre a luta e libertação do colonialismo.

Natalia Colombo

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
SERVIÇO SOCIAL E TEORIA MARXIANA: HISTÓRIA, SUPERAÇÕES E CONTINUIDADES Nathália Pereira Prado Solange Fernandes DOI 10.22533/at.ed.5732007101	
CAPÍTULO 2	16
A DECLARAÇÃO UNIVERSAL DOS DIREITOS HUMANOS E OS PROCESSOS DE VIOLAÇÃO A PARTIR DO CONTEXTO DA PESSOA EM SITUAÇÃO DE RUA Gustavo Júnior Andrade dos Reis Robert Henrique Sousa Dantas Paulo Sérgio Araújo DOI 10.22533/at.ed.5732007102	
CAPÍTULO 3	25
DIREITOS HUMANOS E DIVERSIDADE NA ESCOLA MUNICIPAL ALDENIRA NUNES NO MUNICÍPIO DE FLORIANO-PI Sandra Muniz Vieira DOI 10.22533/at.ed.5732007103	
CAPÍTULO 4	38
REVERBERANDO O LUGAR DA PEQUENA CRIANÇA NEGRA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: UM DIÁLOGO POSSÍVEL ATRAVÉS DO PROJETO: AFRICANIDADES E BRASILIDADES Marivania Xavier Cavalcanti Costa DOI 10.22533/at.ed.5732007104	
CAPÍTULO 5	49
PROTAGONISMO JUVENIL OU ALIENAÇÃO: DILEMAS DO COTIDIANO E INTERAÇÕES NO CAMPO POLÍTICO José Silon Ferreira Aloisio Ruscheinsky DOI 10.22533/at.ed.5732007105	
CAPÍTULO 6	62
ESTUDO SOCIOINTERACIONAL DO DISCURSO DE PROFESSORES DE PORTUGUÊS DA REDE PÚBLICA DE ENSINO DO DF EM CURSO DE FORMAÇÃO CONTINUADA Vera Lúcia Godinho Carneiro DOI 10.22533/at.ed.5732007106	
CAPÍTULO 7	73
APONTAMENTOS SOBRE PATRIARCADO, MOVIMENTOS FEMINISTAS E DIREITOS DAS MULHERES CUBANAS PÓS-REVOLUÇÃO Rita de Cassia Krieger Gattiboni Rosângela Angelin DOI 10.22533/at.ed.5732007107	

CAPÍTULO 8	85
SAÚDE E SABERES DAS MULHERES EM CONTEXTO RIBEIRINHO	
Priscila Freire Rodrigues	
Lígia Costa de Sousa Nogueira Martins	
DOI 10.22533/at.ed.5732007108	
CAPÍTULO 9	101
NÓS - TEATRO DAS OPRIMIDAS E A (DES) NATURALIZAÇÃO DAS VIOLÊNCIAS CONTRA AS MULHERES	
Michelle dos Santos Lomba	
DOI 10.22533/at.ed.5732007109	
CAPÍTULO 10	116
O MUNDO ÍNTIMO DOS ARTISTAS: SANIDADE OU LOUCURA SOB O VIÉS JINGUIANO	
Andréa Hamminni Pires da Silva Avila Franquetto	
Carla Barcelos Nogueira Soares	
João Carlos de Aquino Almeida	
DOI 10.22533/at.ed.57320071010	
CAPÍTULO 11	128
QUESTÕES DE (DES)GOSTO: NOTAS REFLEXIVAS SOBRE MASCULINIDADE, NEGRITUDE, HOMOSSEXUALIDADE E AFETO	
Vinicius Luis Pires Queiroz	
DOI 10.22533/at.ed.57320071011	
CAPÍTULO 12	140
A EUGENIA NA CIDADE DE SÃO PAULO ENTRE OS ANOS DE 1988-1990 ATRAVÉS DO JORNAL “FOLHA DE SÃO PAULO”	
Bolají Alves Matos de Paula Xavier	
DOI 10.22533/at.ed.57320071012	
CAPÍTULO 13	151
O CANTO DAS SEREIAS: IMAGENS DO HABITAR NA CIDADE DE SÃO PAULO SOB O CAPITALISMO FINANCEIRO	
Maria Fernanda Andrade Saiani Vegro	
Fábio Lopes de Souza Santos	
DOI 10.22533/at.ed.57320071013	
CAPÍTULO 14	167
O GARI E O CATADOR COMO TRABALHADORES <i>OUTSIDERS</i> E A ESTIGMA SOCIAL	
Kayo Henrique Duarte Gameleira	
Thallys Emanoell Pimenta de Freitas	
Ailton Siqueira de Sousa Fonseca	
DOI 10.22533/at.ed.57320071014	

CAPÍTULO 15	180
REFUGIADOS NA AMÉRICA LATINA: REFLEXÕES SOBRE O MOVIMENTO MIGRATÓRIO DOS VENEZUELANOS PARA O BRASIL	
Lucelaine dos Santos Weiss Wandscheer	
Flávia Candido da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.57320071015	
CAPÍTULO 16	194
A REAFIRMAÇÃO DO ESTEREÓTIPO DA AMIZADE URUGUAIO-BRASILEIRA NO TELEJORNALISMO E NO IMAGINÁRIO FRONTEIRIÇO	
Roberta Brandalise	
DOI 10.22533/at.ed.57320071016	
CAPÍTULO 17	208
IMPLICÂNCIAS E SILÊNCIOS DA HISTÓRIA EM RELAÇÃO AO LINGUAJAR CAMPEIRO: APONTAMENTOS PRELIMINARES	
Manoel Adir Kischener	
Everton Marcos Batistela	
Airton Carlos Batistela	
Mariza Rotta	
DOI 10.22533/at.ed.57320071017	
CAPÍTULO 18	226
A PROPRIEDADE DA TERRA ENTRE OS SÉCULOS XVI E XIX NA HISTORIOGRAFIA BRASILEIRA	
Lorenzo Giovanni Gava	
Eleide Abril Gordon Findlay	
DOI 10.22533/at.ed.57320071018	
CAPÍTULO 19	234
GEOGRAFIA, TERRITÓRIO E QUILOMBOS: OS DESAFIOS NO DEBATE DAS COMUNIDADES REMANESCENTES DE QUILOMBOS	
Maria Pricila Miranda dos Santos	
DOI 10.22533/at.ed.57320071019	
CAPÍTULO 20	244
PROCESSO REVOLUCIONÁRIO NA ÁFRICA LUSÓFONA: AMÍLCAR CABRAL E O MOVIMENTO DA LUTA DE LIBERTAÇÃO NACIONAL DE GUINÉ-BISSAU E CABO VERDE	
Cam-naté Augusto Bissindé	
DOI 10.22533/at.ed.57320071020	
SOBRE O ORGANIZADOR	260
ÍNDICE REMISSIVO	261

CAPÍTULO 17

IMPLICÂNCIAS E SILÊNCIOS DA HISTÓRIA EM RELAÇÃO AO LINGUAJAR CAMPEIRO: APONTAMENTOS PRELIMINARES

Data de aceite: 01/10/2020

Data de submissão: 13/07/2020

Manoel Adir Kischener

Universidade Estadual de Maringá (UEM)
Maringá, PR
<http://lattes.cnpq.br/0700002710041949>

Everton Marcos Batistela

Universidade Tecnológica Federal do Paraná
(UTFPR)
Dois Vizinhos, PR
<http://lattes.cnpq.br/8011976316738390>

Airton Carlos Batistela

Universidade Estadual do Oeste do Paraná
(Unioeste)
Francisco Beltrão, PR
<http://lattes.cnpq.br/6355946068533113>

Mariza Rotta

Universidade Comunitária da Região de
Chapecó (Unochapecó)
São Lourenço do Oeste, SC
<http://lattes.cnpq.br/1261989172809832>

Este capítulo foi apresentado como artigo completo no VIII Congresso Nacional de Pesquisa em Ciências Sociais Aplicadas (VIII CONAPE), realizado na Unioeste, câmpus de Francisco Beltrão, nos dias 1º e 2 de outubro de 2019. Para esta versão, que contém pequenas modificações, foi acrescido um autor que contribuiu nestas.

RESUMO: Objetiva-se trazer apontamentos à discussão com os pares, a respeito das implicâncias e silêncios da história em relação

ao *linguajar campeiro*, percebido na vivência do primeiro autor como agricultor que foi e como professor de História, em entrelace e apoio da revisão de bibliografia. De que forma estas implicâncias vêm sendo constituídas e mesmo construídas ao longo da História? Qual a contribuição dos próprios professores a este estado de coisas? Em tempos de defesa do multiculturalismo e de frequente movimentação de pessoas do espaço rural ao urbano, uma história que também considere o falar/o *linguajar* do aluno do campo será possível para além do modismo da mera inclusão sem a devida contextualização por parte do professor? Sugere-se trabalhar o assunto com temas transversais, que poderão favorecer a iniciativa e prática docente que considere as peculiaridades dos alunos. A região Sudoeste do Paraná é de incipiente industrialização, tendo dependência da agropecuária na maior parte da economia de seus municípios, ao tratar o tema os autores buscam contribuir ao ensino de História, apesar do baixo teor analítico do texto que exigirá aprofundamento.

PALAVRAS-CHAVE: Modo de falar do campo. Temas transversais. Literatura e Música. História.

IMPLICANCES AND SILENCES OF HISTORY IN RELATION TO LANGUAGE CAMPER: PRELIMINARY NOTES

ABSTRACT: The objective is to bring notes to the discussion with peers, regarding the implications and silences of history in relation to the *peasant language*, perceived in the experience of the first author as a farmer who was and as a History teacher, in interweaving and support of the

revision of bibliography. How have these implications been constituted and even constructed throughout history? What is the contribution of the teachers themselves to this state of affairs? In times of defending multiculturalism and the frequent movement of people from rural to urban spaces, is a story that also considers the speaking / *language* of the student in the field possible beyond the fad of mere inclusion without proper contextualization by the teacher? It is suggested to work on the subject with transversal themes, which may favor the initiative and teaching practice that considers the peculiarities of the students. The Southwest region of Paraná is of incipient industrialization, having dependence on agriculture in most of the economies of their municipalities, when dealing with the theme the authors seek to contribute to the teaching of History, despite the low analytical content of the text that will require further study.

KEYWORDS: Way of speaking from the field. Cross-cutting themes. Literature and Music. Story.

1 | INTRODUÇÃO

A norma culta impõe e a sociabilidade instituída e que contém poder como aquela que está a critério da escolarização e da universidade compele – donde se aceita o que é último/da moda e entre as tribos bem quisto é – como forma de integrar-se ou pretensamente passar a ideia, mesmo errônea (é hipótese deste artigo), de que não estamos sós e fazemos coro ao que o figurino do momento pede, que também pode ser o politicamente correto.

Se este está em voga e, que a norma culta está associada aos padrões, seja da escrita, seja do falar, mormente a partir da academia (que formula e até aceita os padrões populares, trazendo-os aos dicionários, mas precisa-se tempo, às vezes gerações), a escola pode ter o propósito de passar a diante, e em que pese a necessidade da mídia o fazer assim, o faz, mas deixa escapar os sotaques regionais, como que brechas do padrão linguístico (por exemplo, na programação da Rede Globo, especialmente quando em seus quadros nacionais, transparece o “carioquês” imposto nacionalmente), por que isso ocorre?

Na universidade pelas pressões de fundo moral e outras de constrangimento em relação a desigualdade social e econômica que persiste em nosso mundo de constantes transformações e também permanências, há adesão constrangida aos falares das tribos, dos da periferia, dos guetos, das minorias políticas, ainda aquelas associadas as fatias do “mercado da representação política”, por assim dizer.

Isso ocorre quando uma parte esclarecida passa a reivindicar igualdade no que, ao final, vem (não sem luta, reconheça-se), mas que é o apenas para uma pequena parcela, gerando mais a ideia de privilégios do que reparação social; mesmo que impulse políticas públicas, passa-se a impressão de que é para alguns, uns “mais iguais do que os outros” (ORWELL, 2006), donde distancia-se da ideia original de igualdade ou de emancipação humana, se preferirmos a expressão assim utilizada por Karl Marx n^o “A questão judaica” (MARX, 2013), dentre seus primeiros escritos preteridos e silenciados (FREDERICO,

2009), nestes estranhos tempos.

Na escola o professorado adota e até adere ao falar de gírias, muito associado aos jovens da periferia, descaracterizados que estão e, por isso a busca de identidade, mas estes acabam impondo aquela externa (via música, cinema, TV e internet), tipificada dos grandes centros de propulsão do que o mercado e, após a mídia entendem por cultura popular, vide a música atual (e notadamente o *funk* e o *rap*), que se afasta, a passos largos, da norma culta, sob o pretexto de incluir o aluno, que a sua fala, seu modo de ser seja respeitado.

Mas, ao final, seja para se integrar ou para ser melhor quisto (afinal vive-se tempos de banalização da violência e a cada vez mais os professores têm sofrido de violências múltiplas, mesmo dentro da sala de aula) acaba-se por integrar-se à *cultura deles*, donde o *funk* vira tema de aula e até é aproveitado em sua *contribuição* de letra.

Agiganta-se assim a ideia, e isso nos corredores de escolas consideradas progressistas, que não se deve impor a cultura (e a norma culta) sobre a cultura da periferia, se assim fosse seria ato de violência (mas passa-se batido a ideia de discutir o que é cultura, do que são os legados que a humanidade tem deixado e que, acredita-se, todos deveriam se inteirar e não, meramente, sob a áurea de inclusão, atacar a “grande cultura” como alguns professores o fazem para se manter popular perante o alunado que se recusa a entender que o acesso, às mais diversas formas e manifestações culturais exige esforço e disciplina de estudos).

O ensino de História encontra-se em crise de sentidos. Muitas vezes fruto da ferrenha politização partidária das aulas, os professores acabam por afastar os alunos dos temas sensíveis que deveriam ser estimulados, as sínteses dos acontecimentos, o contexto, e as diferentes possibilidades de interpretação, as tais matrizes teóricas que se deve alertar a respeito da construção da narrativa da História, enfim, os ensinamentos possíveis para o tempo presente, à vivência do aluno.

Como existe certo descompasso de idade fruto que são de gerações e tempos diferentes, pois “É perfeitamente óbvio que nem todos nós vivemos no mesmo tempo” (POUND, 1976, p. 101), assim entendido, professor e aluno têm conceitos de família diversos, de ideia de autoridade e respeito, de gosto musical, então nem se fala, e possivelmente maior facilidade com tecnologias digitais por parte dos aprendizes frente ao sentido e ouvido analógico da maioria dos mestres, e estes falam e possuem *linguajar* diverso também.

Portanto, se houver mais estímulo, mesmo por parte da escola e não apenas do professor de História, do desencontro inicial poderá render a aproximação cultural, nascer a cultura de pertencimento, apesar dos descompassos geracionais e que são normais, fortalecer-se-á laços e vínculos, a troca de conhecimento e de saberes, ocasião que se existir, fortalecerá e estimulará a benéfica aprendizagem do ouvido musical e com a consequente valorização da cultura local (com seu entendimento crítico).

Será que isso ocorre em relação a cultura do jovem rural, aquele que recém chegou do campo e se torna mais um, junto a sua família, daqueles que, expulsos ou impelidos, chegam as cidades, às periferias, a busca de melhores condições de vida e raras de mobilidade social?

Geralmente não, e até são ridicularizados, como o primeiro autor foi, quando adentrou a graduação de História nos distantes anos 2000, lá no Sul do Rio Grande do Sul, em uma Universidade pública. Há pelo menos duas ideias a respeito deste perfil de aluno: que falam errado (“erado”, “caroça”, “tera”, “nóis”, “caro”, “trabai”¹, dentre muitas outras) e, que são bons trabalhadores, especialmente braçais, para o serviço duro, carregar alguma coisa, pois é gente disposta e acostumada com a lida dura, da roça e do campo, no trato com os animais, nas intempéries da natureza, de Sol a Sol, e até mesmo com chuva, fazem e ganham a vida, mais, a têm como um modo de vida (o que muitos desconhecem) em suas comunidades rurais.²

Estes, com sociabilidades próprias, apesar da formação do capitalismo no campo que a tudo desagrega e varre, como um furacão, deixando erodido o patrimônio cultural de séculos, geracional, no mediar e levar ao campo, bens, serviços e sonhos, mas o campo resiste e, fica nestes entremeios.

Chega-se a ponto de, mesmo na Universidade, se ouvir dos instruídos professores e do alunado progressista, despropérios em relação ao campo, como que movidos em cruzada de vir de encontro ao que se vulgariza neste meio como “agro” e muito pelo que a mídia mostra³, de a tudo encaixar como se aquele espaço fosse o mesmo (identidades, maneiras de trabalhar, origens étnicas e culturais, acesso a bens gerais, tipos de atividades e manejo do solo, clima etc.).

Nesta linha de raciocínio tudo deve ser desautorizado e logo “taxado” de que não vale a pena, pois logo se vê como “doutro lado”, a partir deste entendimento o agronegócio é endemoniado e se apresenta uma versão romantizada do que entendem por agricultura familiar como se fosse possível perceber a realidade apenas com esta lente.

Se esquece da diversidade que ainda existe no campo, mesmo entre os considerados mais empobrecidos e, seja de que forma for economicamente que se apresentam contribuem para levar comida a mesa destes críticos (e desavisados) cidadãos.

Chega-se a rotular um produtor de morangos, no sistema semi-hidropônico, com propriedade de 1 hectare, que utiliza apenas a mão de obra da família como agronegócio, só porque exporta a produção pro Japão! Por certo, é mister lembrar que, a escrita aqui se

1 Se se considerar a norma culta: errado, carroça, terra, nós, carro e trabalho.

2 No sentido que Henri Lefebvre sugere: “La comunidad rural (campesina) es una forma de agrupación social que organiza, según modalidades historicamente determinadas, un conjunto de familias fijadas al suelo. [...] Están relacionados por disciplinas colectivas y designan – aun cuando la comunidad guarde vida propia – responsables mandatarios para dirigir la realización de estas tareas de interés general” (LEFEBVRE, 1978, p. 31-2).

3 Por exemplo a campanha publicitária difundida em intervalos da programação da Rede Globo: “Agro é Pop, Agro é Tech, Agro é Tudo”. Disponível em: <<https://g1.globo.com/economia/agronegocios/agro-a-industria-riqueza-do-brasil/>>. Acesso em 06/05/2019.

distancia da defesa daquela agricultura que contém em si apenas a racionalidade do lucro e da devastação ambiental e cultural, da voracidade que desconsidera modelos alternativos àquele que seus signatários impõem como padrão.

Posto isso, neste texto, que parte da experiência do primeiro autor como agricultor e como professor de História, posteriormente, e analista da questão, onde humildemente se deixa questões aos pares, ao menos aqueles interessados para ir além da ideologização que está em curso, mesmo a de viés populista a respeito dos porquês das impicâncias e silêncios da história em relação ao *linguajar campeiro*.

É esta mesma tradição que vê camponês em tudo, mas se esquece de perceber as diferenciações de acesso ao poder, de representatividade, mesmo na pesquisa, da seleção que é feita de tipo de informantes, preterindo os mais à margem pelos de comando, quando mais vale a legitimação política do que efetivamente a emancipação dos grupos sociais.

2 I EVIDÊNCIAS NA HISTORIOGRAFIA E NOS PESQUISADORES DA TEMÁTICA E FORMAS PALIATIVAS DE TRATO DA QUESTÃO

2.1 E Existem Evidências na Historiografia?

O início?

Em tempos onde parece haver consenso a respeito da influência da cidade sobre o campo ao se afirmar a necessidade de “ser tratado com urbanidade” como requisito mínimo no trato no dia a dia e chega-se a pensar em demissão, quando em serviço, na ausência disso, por parte de alguém, mesmo que se faça confusão a respeito do que é urbano e do que é rural no Brasil (VEIGA, 2002), e que já desde muito mostrou-se que há interrelações entre esses dois espaços (WILLIAMS, 2011), e que o campo possui sua função, a face rural do desenvolvimento (VEIGA 2000).

Até porque, se as regiões rurais continuarem povoadas, para desafogo das áreas urbanas, se deve imaginar que o futuro destas (ABRAMOVAY, 2003) depende que as considerem na agenda de políticas públicas, mas para isso se deve sopesar os atores sociais (que são ativos) do campo.

Martins afirma que ao “Privilegiamos a burguesia e o proletariado de grandes cidades como São Paulo e repudiamos ou colocamos na obscuridade de um meio-esquecimento os outros personagens do mesmo processo porque não se revestem de atributos típico-ideais” (MARTINS, 1986, p. 99).

É como ainda fazem muitos analistas do campesinato, que não percebem que campo e cidade são duas realidades diversas e, mesmo o campo brasileiro se transformou nas últimas décadas, mas continuam a vê-lo como se estivesse nos anos 1960, ignoram que a fotografia deste não é mais a mesma (BOLLIGER, 2014) ou o são duas, pelo menos uma até os anos 1960 e outra na atualidade.

Essa outra realidade, apesar de existir desde há muito, mas que acaba sendo

padronizada nos escritos daqueles que não sabem o que é comer poeira ou se embrenhar nas estradas lamacentas em pesquisa empírica campo a fora, com Sol ou chuva, e com todo tipo de dificuldade que, aliás, as pessoas que moram por lá já estão acostumadas, devido ao abandono que geralmente caracteriza a ação (então, desleixo) dos gestores políticos para com o campo, começa a ser construída, passa-se a ideia da imagem deste espaço, segundo Thompson (1987) ao menos desde

[...] a Revolução Industrial, que removeu do campo algumas das suas atividades típicas, destruindo o equilíbrio entre a vida urbana e a rural, criou também uma falsa imagem de isolamento e “idiotismo” rural. Na realidade, a cultura urbana na Inglaterra, durante o século 18, era mais ‘rural’ (na sua conotação usual), e a cultura rural, mais rica do que frequentemente se supõe. “É um grande equívoco imaginar”, insistia Cobbett, “que o povo se torna estúpido por viver sempre no mesmo lugar”. A maioria das novas cidades industriais não deslocou o campo, mas cresceu sobre ele (THOMPSON, 1987, p. 296).

Saes e Saes (2013) comentam a respeito deste processo iniciado com a imposição dos cercamentos pelo governo inglês aos camponeses a partir do século XVI, o que gerou custos, muitos sem condições de arcar com este peso a mais tiveram que se desfazer de seus lotes, também “[...] aqueles que não tinham um lote, mas que viviam nas terras comuns tirando dela parte de seu sustento e obtendo alguma renda como jornaleiros, também foram expulsos do domínio, passando a vagar pelos campos em busca de algum meio de subsistência” (SAES e SAES, 2013, p. 96), logo seriam enquadrados na nascente concepção de *vagabundos* que era criminalizada em lei, como expõe Marx no capítulo “A assim chamada acumulação primitiva” no livro “O Capital”:

Eles se converteram em massas de esmoleiros, assaltantes, vagabundos, em parte por predisposição e na maioria dos casos por força das circunstâncias. Daí ter surgido em toda a Europa ocidental, no final do século XV e durante todo o século XVI, uma legislação sanguinária contra a vagabundagem. Os ancestrais da atual classe trabalhadora foram imediatamente punidos pela transformação, que lhes foi imposta, em vagabundos e *paupers*. A legislação os tratava como criminosos “voluntários” e supunha que dependia de sua boa vontade seguir trabalhando nas antigas condições, que já não existiam (MARX, 1996, p. 356, ênfase no original).

No Brasil, provavelmente de viés da cultura francesa que influenciava o Brasil nos oitocentos, segundo Martins, em outro texto, “[...] ao menos, desde a abolição da escravatura, já existia nas cidades uma elaborada concepção do mundo rural” (MARTINS, 1975, p. 129), pois “A elaboração dessa concepção citadina da vida rural vinha se processando havia mais de um século, pois já a partir do começo do século XIX” (MARTINS, 1975, p. 129, nota 42).

Este autor segue a linha do intelectual Antonio Candido que afirma que a esta época “[...] o intelectual citadino esboça as primeiras representações do homem rústico, seja sob

o ângulo do ideal, seja sob o ângulo da sátira” (CANDIDO, 1955, p. 321, apud MARTINS, 1975, p. 129).

Antonio Candido tendo escrito sobre o campo como em seu clássico estudo sociológico “Os parceiros do Rio Bonito” (CANDIDO, 2010) e depois enveredado pela literatura – talvez esta, mais sensível ao que é considerado inculto [e às vezes preconceituosa?!] do que a história – pois na primeira estas representações são esboçadas há tempos, conforme Gil (2013) comenta:

A primeira questão que se coloca, para os nossos escritores do XIX, é: como enunciar um espaço social que não é propriamente o seu? Como dar voz impressa/ letrada a um universo que tem na oralidade, e não na escrita, a principal forma de relação dos indivíduos uns com os outros e com o mundo? Não estamos sugerindo que Alencar, Taunay e outros se faziam essa pergunta com tal clareza e objetividade. Ao contrário, diria que objetivamente eles não se faziam essa pergunta; simplesmente acreditavam no poder da sua linguagem em dizer, em enunciar este outro mundo, que é o do sertanejo, o do gaúcho, o do matuto. É a isso que chamo de implicação subjetiva: a apreensão a captação do mundo do outro pela palavra culta e a crença nessa possibilidade literária e cultural (GIL, 2013, p. 88).

Ao se valer da “apreensão a captação do mundo do outro pela palavra culta” como sugere o autor acima, vista como benéfica, pois se leva civilização ao campo desprovido do saber formal do que se imagina. Que a linguagem de quem escreve em relação aquele que mais fala tem o poder de captar e, diríamos, *traduzir* esse mundo. Mas com que intenções ou filtro? Será por esta característica salutar da Literatura que se criou os estereótipos com o *linguajar campeiro*?

Frente a isso aponta Henri Lefebvre que se deve considerar que “[...] o escrito como anotação do notável (os actos notáveis). O escrito, o inscrito, o poder, caminham a par”, neste sentido é a palavra de quem tem poder que é autorizado a partir da escrita, do que vai adiante, do que é levado pelas grandes letras, e que chega até a fazer parte do imaginário popular, via de regra sobre a disseminação da escrita, dos jornais, das revistas e gibis, do cinema, do rádio e, mais recente, pela internet.

E isso pode chegar como verdade ou algo muito próximo disso, assim não se deve esquecer também, segundo o autor, do “[...] lado enganador do escrito, a sua inteligibilidade ilusória, a sua transparência falsa, a magia da evocação do escrito. A partir do escrito vê-se (vê o leitor) o passado como um quadro já feito, com a impressão ridícula mas cativante de estar a fazê-lo” (LEFEBVRE, 1971, p. 174).

Desta pretensa clareza que, ao final nada mais é que superficial, que ilude quem lê e dá a falsa ideia da verdade, mas com o poder da literatura que ninguém duvide, Oliveira (2018), a partir de pesquisa arguta aponta uma série de termos, negativos, associados ao homem do campo, a natureza do campo:

Arroz de festa, cara de batata, é uma cobra, burro, chopim, goiaba, banana, preço de banana, pato, pata choca, leite de pato, abacaxi, pepino, laranja, é do chifre furado, galinha, galinha morta, vaca, cachorro, cadela, boca de cabra, abobrinha, pavão, perua, bêbado que nem gambá, borboletar, dar milho pra bode, dá quem nem chuchu na cerca, porco, espírito de porco, porcaria, porcalhão, fruta, vacas magras, carne de vaca, avacalhar, galinha morta, ladrão de galinha, conversa pra boi dormir, não é flor que se cheire, dente de coelho, azedo como limão, um rato, cantar de galo, batata quente, banana pra você, burro de carga, você é um pamonha, frangueiro, frango, cara de mamão macho, miolo de galinha, briga de foice, galo de São Roque, pinto, fogo de palha, cheiro de bode, chifrudo, vai dar bode, pé de cana, voto de cabresto, feijão com arroz, engolir sapo, boca de untanho, carneiro, metido a besta, animal, macaco, amigo da onça, piranha, capivara, chato, passarinho, papagaio, barata descascada, carneiro, veado e pau de galinheiro (OLIVEIRA, 2018, p. 17).

É como se desse nome aos bois (OLIVEIRA, 2018), *bois* nesse caso, as populações rurais, e, para isso, sugere-se ao leitor pesquisa rápida em sites de busca como o Google, para verificar a permanência destes termos associados, de forma negativa, em notícias (nos portais de notícias) sobre aquilo que é visto como fora da norma, que destoa de civilidade e de valores padrão e, que se insiste em se valer disso em prejuízo daqueles que vivem no campo. Há exceções, na TV principalmente, mas são escassos os casos bem-sucedidos de adaptações da Literatura de temática rural para telenovelas, por exemplo. nesse sentido, se deveria consultar além de historiadores, antropólogos e folcloristas para minimizar o descompasso que existe entre a norma culta e aquela da linguagem do campo, considerando obviamente o direito de adaptação livre e licença do diretor?

Outro problema possível é no trato do regionalismo, como o gaúcho, presente em canções de cantores da linha nativista, e neste caso não é a linguagem que contém erros de pronúncia (como em “trabaio”) e sim os termos que são de uso de determinada região e que constam nos dicionários, mas desconhecidas daqueles que não vivem lá, como no exemplo da música “Recuerdos da 28”⁴:

De vez em quando quando boto a mão nos cobre

Não existe china pobre, nem garçom de cara feia

Eu sou de longe, onde chove e não goteia

Não tenho medo de potro, nem macho que compadreja.

Boleio a perna e vou direto pro retoço

Quanto mais quente o alvoroço, muito mais me sinto afoito

E o chinaredo, que de muito me conhece

4 A versão original com voz de Juez Brasil e Grupo Gaudérios foi apresentada na 10ª Califórnia da Canção Nativa do Rio Grande do Sul na cidade de Uruguaiana em 1980 pode ser ouvida neste link: <<https://www.youtube.com/watch?v=-51b3jdgKhA>>, o acesso foi em 15/07/2019. A canção vencedora da Calhandra de Ouro desta edição foi “Veterano” interpretada por Leopoldo Rassier e Os Serranos.

Sabe que pedindo desce, meu facão na “28”
Remancheio num boteco ali nos trilhos
Enquanto no bebedouro mato a sede do tordilho
Ouço mugindo o barulho da cordeona
E a velha porca rabona, retoçando no salão
Quem nunca falta é um índio curto e grosso
De apelido Pescoço, da rabona o querendão.
Entro na sala no meio da confusão
Fico meio atarantado que nem cusco em procissão
Quase sempre chego assim meio com sede
Quebro o meu chapéu na testa de beijar santo em parede.
E num relance se eu não vejo alguém de farda eu grito:
-Me serve um liso daquela que mata o guarda!
E num relance se eu não vejo alguém de farda eu grito:
-Me serve um liso daquela que mata o guarda!)
Guardo o trabuco empanturrado de bala
Meu facão, chapéu e pala e com licença, vou dançar
Nestes fandangos, levo a guaiaca recheada
Danço com a melhor china, que me importa de pagar!
O meu cavalo, deixo atado no palanque
Só não quero que ele manque quando terminar a farra
A milicada sempre vem fora de hora
Mas eu saio porta afora, só quero ver quem me agarra
Desde piazito, a polícia não espero
Se estoura a reboldosa, me tapo de quero-quero
Desde piazito, a polícia não espero
Se estoura a reboldosa me tapo de quero-quero.

Fazendo um exercício a respeito do *linguajar campeiro*, quantas palavras são desconhecidas de quem não é daquelas bandas, da região da Campanha do Rio Grande do Sul? Por exemplo, quem lendo esta conhece o significado das palavras extraídas da citação: “cobre”, “boleia”, “retoço”, “remancheio”, “índio curto e grosso”, “atarantado”, “um liso”, “guaiaca”, “palanque”, “milicada”, dentre outras? De que forma o professor de História e mesmo de Literatura pode trabalhar para fazer com que aquele aluno que tem em seu *falar* essas expressões como meramente corriqueiras?

Mas e se isso for uma construção tanto na forma de expressar daqueles do campo e da mesma forma na contestação e incompreensão dos urbanos, que muitas vezes criam estereótipos? Seguindo o raciocínio sugerido por Lefebvre (2013), o papel da linguagem que pode ser apropriado em favor da legitimação de desigualdade e desautorização aos costumes e saberes do campo, se assim for o intento, consciente ou não, por parte do professor, pois

[...] debemos establecer y desarrollar ciertas relaciones generalmente consideradas como “psíquicas” (esto es, relativas a la psyché). Las trataremos, sin embargo, como materiales pues vienen dadas en conexión con dos materias: el cuerpo-sujeto y el espejo-objeto. Al mismo tiempo las consideraremos como un caso particular de una relación más “profunda” y general sobre la que más tarde debatiremos, entre lo repetitivo y lo diferencial. ¿Cuáles son esas relaciones?

a) la simetría (planos y ejes): duplicación, reflexión – y su correlato, la asimetría.

b) El espejismo y sus efectos de ilusión: reflejos, superficie versus profundidad, revelado versus oculto, opacidad versus transparencia.

c) El lenguaje como “reflexión”, con sus conocidas oposiciones: connotación versus connotado, valorizador versus valorizado, y la refracción a través del discurso.

d) La conciencia de sí y del otro, del cuerpo y de la abstracción de la alteridad y de la alteración (alienación).

e) El tiempo, vínculo inmediato (directamente vivido, así pues ciego e “inconsciente”) entre lo repetitivo y lo diferencial.

f) El espacio, por último, con sus dobles determinaciones: ficticio-real, producto-productor, material-social, inmediato-mediato (medio y transición), conexión-separación, etc.

En ese reino de sombras sólo tardíamente se despliega el reino de los símbolos y signos, portadores de una claridad *fasta* y *nefasta* (LEFEBVRE, 2013, p. 233).

É desta forma que se daria a construção de uma linguagem aceita como culta frente as demais, como as regionais neste país continental? Sendo a da cidade mais acertada do que a do campo? Mais adiante na mesma obra, o autor afirma:

Los componentes de dicho conjunto se disponen de acuerdo a un estricto orden para los propósitos del uso del espacio: los del primer nivel (afectivo, corporal, vivido y hablado), los del segundo nivel (percibido: las significaciones sociopolíticas) y los del tercero (concebido: lo escrito, los conocimientos que reúnen en un “consenso” a los miembros de la sociedad y les confieren el estatuto de “sujetos”) (LEFEBVRE, 2013, p. 266).

Outra possibilidade, seguindo esta linha, entre a seleção de certo trecho de um livro, impor aquilo que quem escreve pensa ser mais importante, dar o tom do que deve ser visto, o que pode ocorrer na pesquisa e na redação da escrita, no relatório, quem deverá ser entrevistado, quanto tempo dará e de que forma se farão as questões, enfim, do teatro da pesquisa, dos rituais que se levará em conta ou não, donde se percebe o prejuízo de quem foi “fonte”.

Mas há também, por parte do historiador a omissão da fonte, a prova que pode permitir o leitor da atualidade que tem mais acesso a questionar a escrita, ou a indução de interpretação de algo, dando a dizer que foi daquela forma ou desta, neste sentido, Jacques Rancière (1995) denuncia e traz como exemplo Jules Michelet, o grande historiador francês, quando este menciona cartas de amor à pátria, à França, mas não cita um trecho sequer delas:

O historiador atesta que praticou um ato singular, abriu o armário, leu as cartas. Em seguida vai nos dizer o que são – não o que contêm, e sim o que são: cartas de amor. “Visivelmente, nos diz, o coração fala”. Essa visibilidade, porém, só existe para ele. o que ele nos mostra é apenas aquilo que faz com que ele as veja como cartas de amor; não seu conteúdo, mas sua apresentação (RANCIÈRE, 1995, p. 213).

Quantos se valem deste método? “Michelet inventa aqui uma solução nova para o excesso revolucionário de palavras. Inventa a arte de fazê-las falar fazendo-as silenciar. Na demonstração do historiador segurando as cartas e na substituição da exposição do conteúdo delas pelo relato” (RANCIÈRE, 1995, p. 214).

Assim sendo, a história poderá ser transformada na ciência do escondido, que serve a alguns, possui propósitos muitas vezes ocultos daquilo que a norma dos historiadores revela aos leigos.

E em contraponto ao falar campeiro se impõe a norma culta, os professores em sala de aula, os mestres na universidade, com aquilo que se acredita ser o correto no desenvolvimento linguístico, e se esquece que

Na cidade, o invisível é o anômalo, credence, ignorância, incultura, perturbação do saber racional e prático. Mas, lá na roça, a metade invisível é integrante e constitutiva da metade visível. Muitas vezes, a metade visível é regulada e

dirigida pela metade invisível. Sobretudo porque é na metade invisível que está o tempo, que se poderia chamar de tempo social. um tempo constituído pela convergência de temporalidades de datas diversas e orientações opostas. O encontro do desencontro. É no invisível que está o passado e é no invisível que está o futuro. O passado “não era”: o passado se manifesta no presente, vale-se de coisas e fatos do presente para anunciar-se, para dizer que foi e não obstante ainda é. O tempo flui de outro modo (MARTINS, 2011, p. 183).

Assim sendo, se o encontro ocorre no desencontro das linguagens para nosso caso, nas diferentes temporalidades da história, onde cada um em papel de constante transeunte, nas estratégias de sobrevivência em um país de crescente e infundável desigualdade econômica e social, e se é “É no invisível que está o passado” nas permanências do falar de muitos que vivem nas cidades, de suas formas de expressão, do seu *linguajar*, como o professor poderá tratar da questão fazendo com que todos possam ter o mesmo direito?

Para fechar a sessão, traz-se Cabral (2017), que assim remata em relação ao que se fez, também com a linguagem, com o africano:

A liturgia dos africanos e de seus descendentes prestou-se a objeto de ciência (antropológica, sociológica, psiquiátrica, psicanalítica) no panorama dos estudos brasileiros. Nenhum deles deu a palavra ao negro. Este, na Modernidade assim como na antiguidade europeia, sempre foi tido como *aneu logon*, isto é, sem voz. Como várias outras formas de conhecimento submetidas ao colonialismo ocidental, o saber ético e cosmológico dos africanos sempre experimentou o silêncio imposto pela linguagem hegemônica (CABRAL, 2017, p. 12-3, ênfase no original).

Da forma que afirma o autor, do silêncio que se impõe ao africano aqui ambientado e que é partícipe de formação do que é o brasileiro, esta mesma linguagem hegemônica tem se abatido sobre o falar do homem do campo. Mas tratar a questão em sala de aula?

2.2 Possibilidade de Trato da Questão?

Para além das polêmicas musicais que essa escrita pode acender ou das historiográficas, a utilização da música (nos mais variados estilos e de forma crítica) em sala de aula, pode constituir sugestão de alargamento das percepções culturais e da cultura de sentido dos alunos, via de regra que estão numa espécie de pensamento único musical que se dissemina a partir do que São Paulo e Rio de Janeiro e, mesmo da Bahia, do que se entende por música boa nesses estados, mais uma construção social da grande mídia.

Nestes casos, a música regional vem ao encontro da ideia de considerar a cultura do homem do campo, por exemplo, em se tratando do regionalismo gaúcho escutado e aceito por estes em partes da região Sul do Brasil. Desta forma o *linguajar campeiro* presente no falar de muitos alunos em transição de dois mundos, por exemplo, do rural ao urbano e, com apoio na cultura deles, na música que apreciam, poderá ser utilizado como forma de valorização e, inclusão em meio a um mundo de sociabilidades diversas mas que geralmente impõe a da maioria, palavra candente de nossos tempos.

Retomar a questão da “invenção das tradições” (HOBSBAWM, 2008), seria “chutar cachorro morto”, pois a efervescência desse debate passou como cavalo encilhado, gerou importantes escritos, mas o que vale mesmo, para além da pretensão esclarecedora e iluminista da História, é o gosto popular, como reconhece o próprio Eric J. Hobsbawm:

[...] todos os historiadores, sejam quais forem seus objetivos, estão envolvidos nesse processo [no estudo das tradições], uma vez que eles contribuem, conscientemente ou não, para a criação, demolição e reestruturação de imagens do passado que pertencem não só ao mundo da investigação especializada, mas também à esfera pública onde o homem atua como ser político. Eles devem estar atentos a esta dimensão de suas atividades (HOBSBAWM, 2008, p. 22).

Está aí a importância da crítica e da atenção ao tipo de música que se leva em sala, se descontextualizada e apenas para se enturmar ou frear os impulsos de indisciplina, que é uma dificuldade de trato na escola (AMADO, FREIRE, 2009) pois cede-se aos gostos dos alunos para não ter problemas, e há os “alunos-problemas” adaptando de Lima (2018) como se constata em salas de Educação Básica.

Em uma escola de Ensino Fundamental em que trabalhou o primeiro autor colocava-se música nos intervalos, pois era de “tempo integral”, quando no *linguajar* deles a acolhida era notória, mas quando algum professor mais esclarecido e sábio, mormente associado às tendências de esquerda, “botava rodar” sua música (MPB, Samba, Bossa Nova ou *Rock and roll*) com a pretensão de levar-lhes a “boa” cultura, se instaurava o rebuliço, apenas para exemplificar o descompasso que há entre estas duas “culturas”, a do professorado e a dos alunos da periferia.

Muitas vezes os professores de História e humanidades em geral, sabidos que são e até arrogantes, trazem a MPB (Música Popular Brasileira) a sala de aula, impondo nomes como Chico Buarque e Gilberto Gil, vistos como ícones, dentre outros, como sendo as únicas possibilidades de canções/letras possíveis de se trabalhar em sala, por que, geralmente de cunho social.

Nesse sentido, somando-se a esses mestres, busca-se crescer e demonstrar que há todo um cancionário por cá, acessível e muita coisa ainda presente no gosto dos pais dos alunos, portanto esses poderão ter ouvido alguma das canções sugeridas com seus pais, o que possibilitará aproximar-se ao seu círculo familiar, importante para a escola, e positivar toda uma cultura de sentido, em época de ampla defesa do multiculturalismo, a maioria desconhece a própria cultura.

Essa é uma aposta, e uma defesa, da cultura local, pois se deve respeitar a dos outros e, até mesmo se permitir a conhecê-las, mas antes que se conheça a própria. E os alunos oriundos do campo, serão assim valorizados?

O aluno se enxergando dentro da História, a partir da música, qual professor não deseja? Anda mais, a forma de expressar deste aluno, e se for a do campo, é bem aceita

ou estimulada?

Uma possibilidade está nos temas transversais.

Estes costumam causar certo alvoroço entre os professores, mesmo os da área de História. Geralmente se posterga ou quando mencionados por diretores mais zelosos, ficam espantados e indispostos por se considerar invasão no planejamento, então declina-se desta obrigatoriedade. Numa das escolas em que o primeiro autor trabalhou havia a exigência de se colocar um asterisco (*) ao lado do conteúdo que se escrevia nos diários, supostamente trabalhados, a mercê do controle do professor, no entanto, não ocorreu efetivo acompanhamento por parte da coordenação pedagógica ou vice-direção que era incumbida deste controle a respeito da efetivação.

É mais “para inglês ver”, registra-se no papel, mas aos alunos resta estarem com um professor que prefira não se arriscar e siga corretamente o que dispõe a legislação educacional.

Da ideia de integrar as disciplinas por alguma afinidade – a busca do impossível frente a fogueira de vaidades que geralmente caracteriza a escola (cada área se achando melhor que a outra) – pelos temas mais sociais por assim dizer, aqueles que fazem referência e defesa da cidadania, os temas transversais quase sempre não são efetivados, acabam se transformando em conteúdo quando há a abertura da escola para isso, e assim ficam

[...] desligados da perspectiva do investimento na vinculação com a realidade social na qual estavam imersos. [...] as noções deixaram de ser temas constitutivos do debate curricular, imersas na construção do sujeito social, na articulação saber, conhecimento e vivências (WENCESLAU; SILVA, 2017, p. 204-5).

Desta forma, não apenas como um paliativo, mas como possibilidade de fazer aquilo que se está ao alcance dentro das possibilidades e da disposição do professor, pois “Tanto no ensino como na pesquisa de História, podemos nos basear, sim, na realidade dos fatos irrealis *ma non troppo* gerados por diferentes Poéticas” (SILVA, 2016, p. 12), nesse caso, com a música e, das lições, das propostas embutidas em cada letra, do perceptível e das leituras possíveis e ao apreço do ouvido do aluno e do professor, do quanto poderão se permitir e do que poderá gerar em sala de aula, os temas transversais poderão ser trabalhados ao menos valorizando a cultura local, um dos leques possíveis com a realidade social do aluno.

Nesse sentido, se aproximando da realidade do aluno ou recuperando uma história de sentidos e ouvidos musicais (presente pelo menos no gosto musical de seus pais), e nesse caso, fazendo esforço para levar ao mundo desses alunos canções que estão a sua volta e entorno cultural, mas por razões de imposição midiática e cultural por eles geralmente é alheia: “Nas aulas de História, sobretudo, é possível utilizar a Música com o intuito de introduzir temas relacionados a diversos aspectos da vida cotidiana” (CETTOLIN,

2015, p. 36).

São questões que conduzem essa escrita, dentre outras e, com certeza deixam brechas à crítica, mas o maior intento é apontar sugestões: a) em meio a uma era com crescente apreço ao uso e ao fascínio da internet, os professores de História estarão abertos a essa ferramenta? de outra maneira, como transformar o problema do uso de celular em sala de aula como solução para a aprendizagem significativa aos alunos? b) em meio a imposição cultural que esses meios levam aos alunos, via internet, como espaços como o *YouTube*, poderão permitir levar ao aluno o novo, nesse caso aquilo que geralmente, pela adesão ao que está na mídia, acaba por preferir ou mesmo desconhecer, em se tratando da música regional? como trabalhar a cultura local? c) de que forma o problema do uso de celulares em sala de aula pode se tornar benéfico associado à escuta da música com o estudo da História? d) como está disposta caracteristicamente a música regional gaúcha? e) de que maneira será possível utilizar a música tradicional gaúcha como fomento a temas transversais no ensino de História? Essas e outras questões encontram subsídios no texto de Kischener (2019) que se sugere a consulta, até por questão de espaço dessa escrita.

Além da resolução da questão educacional e da exigência de cumprimento dos temas transversais, essa ideia pode trazer nostalgia e sentido, sentimento a prática do ensino de História.

A respeito de nostalgia, como em Bebiano (2006, p. 3) que expõe que o historiador e, nesse caso, o professor de História também, olham o passado “[...] procurando conferir algum sentido aos diferentes tempos do mundo em que vive”, esse descompasso entre as gerações, que não vivem os mesmos tempos (POUND, 1976), professor-aluno por exemplo, também pode ser os tempos culturais, as diferentes culturas que caracterizam a perspectiva multiculturalista de nosso tempo.

Conforme Bebiano, há espécie de “vaivém” entre os tempos, passado e presente, o que é estimulante nesse tempo (o atual), pois é

[...] poderosamente marcado – na intensidade e na vertigem dos seus processos de mudança, no desdobrar inédito, em escala planetária, das suas geografias – por uma relação, ao mesmo tempo conflitual e de complementaridade, entre nostalgia e imaginação (BEBIANO, 2006, p. 3).

Se o ensino de História, ao abrir brechas a se considerar e respeitar o linguajar campeiro estará trazendo nostalgia, essa no bom sentido, das coisas boas, das vivências das pessoas, dos familiares do aluno, por exemplo, estará cumprindo a função da tolerância ao gosto e as formas de expressão, e poderá legar exemplos de convivência pacífica, da heterogeneidade cultural humana existente na escola, pois “A padronização do homem conduz à mediocridade” (KRISHNAMURTI, 1969, p. 9), em tempos de crescente violência nestes ambientes.

E essa não é função primordial do ensino nestes tempos? Está ou não na hora de temas como este adentrar o debate daquilo a área de História deve considerar, fazendo a

sua parte, para um ensino que, ao menos, considere a não-manutenção de estereótipos em relação ao linguajar campeiro, em quase eterno silêncio sobre o modo de vida das populações do campo, mesmo quando estas migram a cidade e mantêm suas formas de expressão?

3 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

A necessidade do ensino de História estar associado a realidade social do aluno naquilo que pode se pensar como uma cultura musical de sentidos, fazendo-o adentrar ao imaginário propiciado pela música regional gaúcha, induzindo o ouvido musical ao local, àquilo que porventura seus pais escutavam e um retorno à própria ideia de conhecer as origens, como forma de valorização do campo, o local de origem de muitos que estão nas cidades e, é pouco conhecido em sua essência e em suas formas de representação, foi outra das defesas e propostas do artigo.

Um outro ensino de História é possível, desde que o professor esteja aberto a novas poéticas, onde realizar a proposta dos temas transversais, através da música gaúcha, por exemplo, pode gerar contribuições para ao menos dirimir os estereótipos e estimular a aceitação e mesmo o livre convívio dos mais diversos falares, dentre eles o *linguajar campeiro*, objeto que é de implicâncias e silêncios da história desde longa data como mostrou o texto.

A região do Sudoeste do Paraná, da cidade que ocorre este congresso, é de incipiente industrialização, tendo dependência da agropecuária na maior parte da economia de seus municípios, então tratar deste tema poderá legar contribuição ao ensino de História e encaminhar questões, quiçá, a respeito da escrita da identidade das pessoas deste território, apesar do baixo teor analítico deste texto, desenvolvido com o propósito de apontamentos que exigirão aprofundamento.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, R. **O futuro das regiões rurais**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003.

AMADO, J. da S.; FREIRE, I. P. **A(s) indisciplina(s) na escola**: compreender para prevenir. Coimbra: Edições Almedina, 2009.

BEBIANO, R. Nostalgia e imaginação: dois factores dinâmicos num mundo global. In: **XX Encontro de Filosofia**. Coimbra: APF, 2006, p. 1-10. Disponível em: <https://estudogeral.sib.uc.pt/bitstream/10316/43099/1/Nostalgia%20e%20imaginação_dois%20factores%20dinâmicos%20num%20mundo%20global.pdf>. Acesso em 03/01/2019.

BOLLIGER, F. Brasil agropecuário: duas fotografias de um tempo que passou. In: BUAINAIN, A. M. et al. (Editores técnicos). **O mundo rural no Brasil do século 21**: a formação de um novo padrão agrário e agrícola. Brasília: Embrapa, 2014, p. 1049-1080.

CABRAL, M. S. de A. **Pensar nagô**. Petrópolis: Vozes, 2017.

CANDIDO, A. **Os parceiros do Rio Bonito**: estudo sobre o caipira paulista e a transformação dos seus meios de vida. 11^a ed. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2010.

CANDIDO, A. L'état actuel et les problèmes les plus importants des études sur les sociétés rurales du Brésil. In: FERNANDES, F. (Org.). Symposium etno-sociológico sobre comunidades humanas no Brasil. Separata dos **Anais do XXXI Congresso Internacional de Americanistas**, São Paulo, 1955, p. 321-332.

CETTOLIN, F. **Musicando a história e historiando a música em escolas de Caxias do Sul**: 2008-2014. Caxias do Sul: UCS, 2015. (Dissertação de Mestrado em História).

FREDERICO, C. **O jovem Marx**: 1843-1844 as origens da ontologia do ser social. 2^a ed. São Paulo: Expressão Popular, 2009.

GIL, F. C. A duplicidade do romance rural do século XIX. In: SALES, G.; SOUZA, R. A. de. (Orgs.). **Literatura brasileira**: região, nação, globalização. Campinas: Pontes Editores, 2013, p. 87-105.

HOBSBAWN, E. J. Introdução: a invenção das tradições. In: HOBSBAWN, E. J.; RANGER, T. (Orgs.). **A invenção das tradições**. Trad. Celina C. Cavalcante. 6^a ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2008, pp. 9-23.

KISCHENER, M. A. Temas transversais no ensino de História a partir da música tradicionalista gaúcha: entre a nostalgia e a história. In: BUENO, A.; ESTACHESKI, D.; CREMA, E.; NETO, J. M. de S. (Org.). **Aprendendo história**: diálogos transversais. União da Vitória: Sobre Ontens, 2019, p. 245-252.

KRISHNAMURTI, J. **A educação e o significado da vida**. Trad. Hugo Veloso. 2^a ed. São Paulo: Editora Cultrix, 1969.

LEFEBVRE, H. **La producción del espacio**. Trad. Emilio M. Gutiérrez. Madrid: Capitán Swing, 2013.

LEFEBVRE, H. **De lo rural a lo urbano**. 4 ed. Trad. Javier González-Pueyo. Barcelona: Ediciones Península, 1978.

LEFEBVRE, H. **O fim da história**. Trad. António Reis. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1971.

LIMA, A. L. G. **A “criança-problema” na escola brasileira**: uma análise do discurso pedagógico. Curitiba: Appris Editora, 2018.

MARTINS, J. de S. **Uma arqueologia da memória social**: autobiografia de um moleque de fábrica. Cotia: Ateliê Editorial, 2011.

MARTINS, J. de S. **A reforma agrária e os limites da democracia na “Nova República”**. São Paulo: Editora Hucitec, 1986.

MARTINS, J. de S. **Capitalismo e tradicionalismo**: estudos sobre as contradições da sociedade agrária no Brasil. São Paulo: Pioneira, 1975.

MARX, K. **Sobre a questão judaica**. Trad. Nélio Schneider. 1ª ed., 1ª reimpr. São Paulo: Boitempo Editorial, 2013.

MARX, K. **O capital**. Livro primeiro, tomo 2. 4ª ed. Trad. Regis Barbosa e Flávio R. Kothe. São Paulo: Nova Cultural, 1996.

OLIVEIRA, S. C. de. Dando nome aos bois. In: ALVES, L. A.; OLIVEIRA, S. C. de. **Linguajar tropeiro**. 2ª ed. Porto Alegre: Evangraf, 2018, p. 9-57.

ORWEL, G. **A revolução dos bichos**: um conto de fadas. Trad. Heitor A. Ferreira. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

POUND, E. **A arte da poesia**: ensaios escolhidos. Trad. Heloysa Dantas e José P. Paes. São Paulo: Cultrix, 1976.

RANCIÈRE, J. **Políticas da escrita**. Trad. Raquel Ramalhete et al. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995.

SAES, F. A. M. de; SAES, A. M. **História econômica geral**. São Paulo: Saraiva, 2013.

SILVA, M. O possível e o ocorrido: Prometeu, Sísifo, Hércules, talvez Euricléia. In: SILVA, M. (Org.). **Ensino de história e poéticas (baseado em fatos irreais *ma non troppo*)**. São Paulo: LCTE Editora, 2016, p. 9-13.

THOMPSON, E. P. **A formação da classe operária inglesa II**: a maldição de Adão. Trad. Renato B. Beto e Cláudia R. de Almeida. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

VEIGA, J. E. da. **Cidades imaginárias**: o Brasil é menos urbano do que se calcula. Campinas: Autores Associados, 2002.

VEIGA, J. E. da. **A face rural do desenvolvimento**: natureza, território e agricultura. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2000.

WENCESLAU, M. E.; SILVA, F. de C. T. Temas transversais ou conteúdos disciplinares? Cultura, cidadania e diferença. **Interações**, Campo Grande, v. 18, n. 4, p. 197-206, out./dez., 2017.

WILLIAMS, R. **O campo e a cidade**: na história e na literatura. Trad. Paulo H. Britto. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Afeto 2, 43, 128, 134

Africanidades 38, 42, 43, 44, 46, 48

Alteridade 16, 54, 113

América Latina 3, 4, 14, 81, 84, 163, 169, 180, 181, 185, 187, 188, 190, 238

Antropologia 128, 130, 135, 138, 179, 195, 207, 235, 236

Arquétipos 116, 118, 119, 120, 122, 123, 124, 126, 134

Artes 60, 101, 114, 116, 117, 120, 125, 127, 178

C

Comunicação 57, 58, 63, 64, 69, 70, 126, 138, 142, 148, 150, 154, 156, 159, 161, 166, 181, 186, 190, 192, 194, 195, 207, 245, 260

D

Democracia 29, 37, 41, 49, 50, 52, 54, 56, 58, 59, 75, 79, 185, 224, 227, 254, 256

Dialética 1, 2, 6, 7, 8, 10, 11, 12, 13, 54, 57, 113, 161

Direitos das Mulheres 73, 77, 79, 81

Direitos Humanos 16, 17, 21, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 51, 52, 53, 54, 74, 78, 183, 191, 193

Discurso 4, 50, 56, 62, 63, 64, 72, 87, 92, 113, 127, 133, 147, 150, 195, 196, 197, 199, 200, 202, 203, 204, 206, 207, 217, 224, 227, 254

Diversidade 25, 26, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 35, 36, 37, 41, 42, 47, 55, 58, 63, 65, 68, 71, 79, 109, 150, 158, 163, 164, 198, 211, 239, 243

E

Educação 5, 13, 25, 26, 27, 28, 29, 31, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 47, 48, 49, 51, 52, 53, 56, 57, 61, 62, 63, 71, 72, 73, 75, 76, 83, 85, 91, 106, 122, 199, 202, 204, 220, 224, 236, 246

Emancipação Feminina 73

Ensino 15, 25, 26, 28, 29, 34, 35, 38, 39, 41, 43, 48, 50, 56, 59, 60, 62, 63, 65, 67, 68, 71, 90, 102, 104, 114, 125, 199, 208, 210, 220, 221, 222, 223, 224, 225

Escola 20, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 32, 33, 34, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 53, 55, 58, 62, 68, 71, 78, 90, 112, 147, 149, 179, 209, 210, 220, 221, 222, 223, 224

Estigma 116, 132, 134, 135, 138, 167, 170, 171, 176, 177, 178

Ética 11, 16, 19, 23, 24, 59, 83, 84, 103, 149, 178

Etnografia 38, 43, 48, 130, 135, 136

Eugenia 140, 146, 150

F

Formação Continuada 62, 63, 64, 65, 71

Fronteiras 56, 57, 72, 194, 200, 201

G

Geografia 147, 234, 235, 236, 238, 239, 240, 242, 243

H

História 1, 2, 7, 13, 14, 15, 17, 18, 19, 23, 34, 38, 40, 41, 42, 47, 54, 58, 61, 78, 80, 84, 89, 99, 114, 120, 122, 125, 134, 140, 141, 150, 161, 169, 185, 186, 187, 196, 197, 200, 202, 206, 207, 208, 210, 211, 212, 214, 217, 218, 219, 220, 221, 222, 223, 224, 225, 226, 227, 232, 235, 236, 240, 241, 248, 249, 256, 257, 258, 259

Homossexualidade 128, 131, 132, 133, 134, 138

I

Idosos 204

Inconsciente Coletivo 116, 118, 119, 120, 122, 123, 124, 126

Integração Social 55

J

Jornalismo 140, 195

Juventudes 49, 50, 54, 55, 60, 61

L

Ludicidade 38, 41, 42, 43, 46, 48

Lugares de resistência 38

M

Masculinidades 137

Movimento Migratório 180

Movimentos Feministas 73, 74, 75, 78, 79, 80, 81, 83

N

Negritude 115, 128, 130, 131, 134, 149, 246

O

Outsiders 167, 168, 170, 171, 172, 173, 174, 175, 176, 177, 178

P

Patriarcado 73, 74, 75, 76, 77, 80, 81, 83, 84

Pedagogia do teatro 114

Periódicos 126, 140, 141, 143, 145, 148

Plantas Medicinais 85, 86, 89, 90, 96, 97, 98, 99

Pobreza 3, 16, 17, 18, 19, 20, 23, 24, 25, 27, 34, 36, 37, 180, 189, 192

Propriedade da terra 226, 228

Q

Quilombo 142, 143, 234, 236, 237, 238, 239, 242

R

Racismo 32, 39, 40, 41, 47, 48, 53, 64, 104, 130, 131, 132, 133, 137, 140, 147, 148, 173, 246, 248, 257

Refugiados 180, 182, 183, 184, 185, 192, 193

S

Saúde 4, 5, 28, 31, 73, 83, 85, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 98, 99, 100, 106, 116, 150, 160, 163, 169, 170, 179, 180, 181, 190, 191, 204, 205, 206

Serviço Social 1, 2, 3, 4, 5, 6, 10, 11, 12, 13, 14, 15

Situação de rua 16, 17, 21, 22, 23, 24

T

Temas transversais 28, 208, 221, 222, 223

Teoria Marxiana 1

Território 22, 53, 104, 123, 146, 183, 184, 191, 200, 201, 202, 223, 225, 229, 231, 234, 235, 236, 237, 238, 239, 240, 241, 242, 243, 246, 247, 248, 252, 254, 255

V

Violação 16, 17, 21, 23, 26, 148, 183

Ciências Humanas: Afeto, Poder e Interações

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 

Ciências Humanas: Afeto, Poder e Interações

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 